



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Seguro da Agricultura Familiar**

Palácio do Planalto, 10 de setembro de 2004

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento
Agrário,

Meu querido companheiro Palocci,

Eu fiquei feliz porque o Rossetto reconheceu, aqui, de público, que a
Fazenda e o Tesouro estão ficando “mão aberta.” Então, olhando para a sua
cara e para a cara do Arno ali, eu fiquei falando que os tempos mudaram.

Meu querido Fritsch,

Meus companheiros deputados,

Meu caro Manoel, presidente da Contag,

Meus queridos companheiros Zé e Bilau, que fizeram uma apresentação
da gloriosa Feira de Santana, aqui, no nosso recinto,

Minha querida Ana Fonseca,

Meu caro Clayton Campanhola, presidente da Embrapa,

Meu caro Rolf, presidente do Incra,

Meus companheiros, minhas companheiras,

Eu tive o prazer, Rossetto, de participar, no ano passado, na cidade de
Buíque, em Pernambuco, do anúncio que foi feito por você, e pelo ministro
Graziano, na época, do compromisso de comprar a safra dos produtores
agrícolas do semi-árido nordestino. O Manoel dos Santos estava lá naquela
ocasião.

Mas eu só pude sentir o efeito da compra há pouco tempo, em Ji-
Paraná, quando o governo, através da Conab, resolveu comprar o feijão dos
produtores de Rondônia, porque o preço estava muito baixo. Havia uma



estimativa de que o preço da saca do feijão iria valer entre 25 e 28 reais; a Conab entrou pagando 60; compramos 11 mil toneladas de feijão; o mercado se readaptou à lógica do equilíbrio de preços, passou a pagar 50; a Conab saiu e as coisas ficaram ajustadas no estado de Rondônia.

Essa é uma pequena demonstração do papel que o Estado brasileiro e suas instituições podem fazer. Não é o Estado tentar substituir o mercado, mas é o Estado evitar que o mercado por si só sufoque aqueles que, dentro do mercado, são mais frágeis, são mais fracos e têm menos poder de barganha. E agora, com o seguro agrícola, nós estamos dando um outro passo importante.

Meu querido Mané, presidente da Contag,

Possivelmente, na Contag, seja igual, aqui, no governo. Nós, hoje, estamos anunciando o seguro agrícola, que já está em vigor e o Manoel disse que tem muita gente que não tem acesso ao banco, a empréstimos, portanto, era preciso que nós pensássemos em cobrir aqueles que não têm acesso ao banco. Eu penso, Manoel, que era importante que a gente, antes de criar outro mecanismo, utilizasse todo o nosso potencial para fazer com que todas as pessoas pudessem, se quisessem, ter acesso ao banco.

Eu disse, no lançamento do Pronaf, que o fato de anunciarmos 7 bilhões de reais não significa que a gente não possa arrumar mais. Eu prefiro me encontrar com você, na rua, ou prefiro receber a Direção da Contag, do Movimento Sem-Terra e de todas as instituições que trabalham em organização do trabalhador no campo, pedindo audiência para exigir mais dinheiro – porque tem muita gente querendo crédito –, do que chegar no final da safra e a gente perceber que os 7 bilhões que colocamos não foram utilizados porque os trabalhadores, muitas vezes, não sabiam como procurar, não estavam organizados. E eu já pedi, naquela ocasião, que é importante que o movimento sindical e todas as organizações que tratam com a agricultura familiar tratem de preparar, organizar as pessoas para virem atrás do dinheiro, porque vocês viram que o companheiro Palocci tem um coração enorme.



Vocês viram que bastou o Rossetto pedir, ele foi atendido. Vocês imaginem quando for o pedido de milhões de pequenos agricultores que elaboram o seu projeto. Vocês sabem os problemas que tivemos no ano passado, reconhecido pelo próprio Banco do Brasil. Tinha gente que estava desabituada a atender o pequeno. E readequar isso a uma nova realidade pressupõe formação e novas orientações. E essas coisas não acontecem do dia para a noite. As coisas, agora, estão muito mais afinadas, portanto, se um pequeno agricultor for pegar o seu dinheiro, ele vai fazer concomitantemente um empréstimo, vai fazer o seu seguro, e vai poder trabalhar tranqüilo, sabendo que as intempéries não vão fazer, como habitualmente acontecia no Brasil, a sua família passar necessidade ou fome.

Esse é um passo, eu diria, gigantesco. É o atendimento de uma reivindicação de 30 anos dos trabalhadores rurais do nosso país. E a tendência natural é que nós continuemos aperfeiçoando essas coisas, porque pode ser que venhamos a encontrar falhas no funcionamento. E aí nós temos que nos encontrar, vocês vão ter que preparar a pauta de reivindicação, colocar as deficiências, e vamos consertando para que a gente, ao terminar o mandato, tenha concluído neste país a mais perfeita relação e integração entre o poder público e agricultura brasileira. E dentro da agricultura, a própria agricultura familiar, que é aquela que, teoricamente, depende mais dos incentivos que o Estado brasileiro pode dar.

Então, é importante ter claro que, além do anúncio que estamos fazendo, na verdade estou fazendo quase que uma provocação. Não tem coisa terminada, acabada. Isso é um processo. E nesse processo nós temos que aperfeiçoar. E aperfeiçoar significa preparar os trabalhadores. Cada sindicato precisa comunicar, a cada associado seu, de que precisa ir buscar o dinheiro do Pronaf, porque a tendência natural de quem guarda dinheiro é o seguinte: “bom, se eu tinha sete e não apareceram sete, só cinco, para que eu vou colocar sete outra vez? Eu vou baixar para seis.” Então, é importante que o



pedido seja de oito, não seja de sete. E vocês sabem que quanto mais gente for pegar dinheiro no Pronaf, mais gente vai fazer seguro agrícola, mais gente vai ter um sistema funcionando sem risco de quebrar. Essa é a teoria, essa é a tese. Porque se a pessoas não tomam o dinheiro, não fazem o seguro, o processo falha, quebra, e aí não é por inadimplência, é por incompetência de todos nós, porque nós estamos tentando criar as condições.

Então, eu penso que nós temos que trabalhar para que a gente faça valer à pena a instituição do seguro agrícola. Vocês sabem que tem muita gente que acha que isso não vale à pena. “Ah, o governo está fazendo isso, mas não vale à pena, isso não resolve o problema.” Nós é que temos que provar que resolve. E para provar que resolve, nós temos que utilizar o total do potencial de financiamento que nós temos, o total de financiamento do seguro agrícola para que a gente possa fazer valer os discursos que durante tantos anos fizemos neste país, dando sustentação à agricultura familiar. Não apenas porque ela mantém o homem na sua terra natal, porque ela gera postos de trabalho, mesmo que não gere o emprego, mas um trabalho para a mulher, para o filho, para um parente, porque a agricultura familiar pode produzir alimentos de boa qualidade, sem a quantidade de pesticidas que tem em outros produtos.

Então, nós temos condições de, ano que vem, fazer mais e melhor. Fazer muito mais e fazer melhor, a depender do trabalho que façamos conjuntamente.

Eu acho que nós estamos vivendo um momento muito bom. Eu tenho tomado todo o cuidado para não permitir que a gente venda euforia exagerada, mas a verdade é que a situação está indo bem. Quando você vê a equipe da Fazenda, Arno, Palocci, todo mundo rindo assim, feliz, é porque as coisas estão indo bem. Eu nem preciso ler jornal, basta ver a cara deles, e eu sei que as coisas estão indo bem. E se está bem para eles, está bem para mim. E se



está bem para mim e para eles, está bem para todo mundo. Então, as condições estão muito favoráveis.

Eu acho que se a gente for fazendo as coisas da forma mais madura, mais adequada, utilizando o poder de pressão que a gente tem para exigir, vocês não têm que ter a preocupação de exigir de nós. Até porque nós temos muita franqueza. Vocês sabem que com a mesma franqueza com que vocês vêm conversar comigo e pedir um monte de coisas, eu posso ter a mesma franqueza e dizer: olha, isso eu posso, isso eu não posso, isso dá, isso não dá, e fica para o ano que vem. Porque se não for essa relação sincera, de companheiros, eu fico perguntando o que fazemos, todos, aqui?

Então, Rossetto, meus parabéns, querido, sobretudo, pelo elogio que você fez aos companheiros do Tesouro, aqui. Porque, vocês percebem que as coisas não acontecem antes do tempo. O Tesouro precisou se preparar, preparar o Brasil financeiramente, para poder fazer as coisas que estão fazendo agora. Não poderiam fazer em março de 2003, quando a economia estava numa situação muito ruim. Mas, meus parabéns Miguel, eu acho que valeu. Eu acho que o entrosamento que você tem mantido com todos os segmentos dos trabalhadores rurais demonstra claramente que nós estamos criando um outro padrão de relação entre governo e movimentos, entre governo e sociedade.

Meus parabéns à equipe que discutiu e concordou com o projeto final do Seguro, porque demonstra claramente a visão de conjunto que o governo tem sobre um problema quase que secular dos agricultores brasileiros, e oxalá a gente consiga, daqui a alguns dias, fazer uma outra reunião, para anunciar mais e melhores notícias para o povo brasileiro.

Meus parabéns ao Rossetto, meus parabéns ao Palocci, e parabéns a todos os trabalhadores brasileiros.